

# A VOZ DE MELGAÇO

Quinzenário católico e regionalista

Director e Administrador:  
P.e JÚLIO HILARIÃO VAZ



Redacção e Administração, Interina: Residência Paroquial — Melgaço  
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada» — Braga  
AVENÇA



Chefe da Redacção e Editor:  
CARLOS ANTÓNIO VAZ

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL 15000  
ANO VI

MELGAÇO, 16 de Dezembro de 1951

AVISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA  
N.º 13



## LXXI -- Castro Laboreiro

### Um passeio

Há dias fui de alongada até à minha terrinha natal, Castro Laboreiro, em companhia de alguns amigos.

Eramos dez em dois autómóveis.

Em Lamas de Mouro visitamos o viveiro dos Serviços Florestais e, como não podia deixar de ser, perguntei por um forno de telha que me havia consta do ter aparecido em umas escavações. O Sr. Marques, guarda solícito, indicou-me o sítio.

Que pena terem deixado aquilo em cacos!...

Mais uns quilómetros e eis nos em Castro Laboreiro.

As velhas casas de colmo, telha de cinco palmos como dizem os da ribeira, vão desaparecendo. A estrada facilita a chegada da telha que vai tirando à freguesia o seu aspecto típico e tradicional dando-lhe ares de modernismo.

As velhas colmações são atéricas. No inverno defendem do frio e no verão do calor. Não deixam entrar a água. Constituem, porém, mais perigo de incêndio, notando-se, contudo, que os incêndios nesta freguesia não têm sido mais numerosos do que nas terras onde não existem as casas de colmo.

Antigamente até as casas do rei tinham colmo sendo a palha para esse fim fornecida em forma de tributo pelos vassallos.

Em Castro Laboreiro vai-se vivendo um pouco atrasadamente e a própria linguagem conserva ainda expressões e modos de pronunciar antiquados. Os meus companheiros de via-

gem acharam graça ao modo de falar.

Ao que eles acharam mais graça ainda foi a um saboroso presunto que lá comemos, de paladar excelente. Basta saber-se que cada um comeu por três como se estivessemos esfomeados. E que dizer do pão de centeio? Os companheiros, dois dos quais brasileiros de nascimento vindos há pouco, gostaram também.

Ir ao castelo não foi empresa para todos, devido ao ruim caminho que para lá conduz. De lá avistam-se largos horizontes. Lá em baixo vi os montes sobranceiros à minha aldeia do Ribeiro.

A tarde estava fria. Nos montes das Ladeiras uma pegureira cantava: *Daqui não saio, daqui não quem me tira...* Um companheiro diz ao mesmo tempo que vamos descendo do castelo: *deixa-te estar, rapariga, que nós não te iremos a sorte...*

Regressamos e pelo caminho fui contando várias tradições aos de minha comitiva.

Já em casa rebusquei na minha estante e ilheas as seguintes referências a Castro:

«Em Castro Laboreiro a vida tem a humildade dos primitivos cristãos. Nem falta para vestir o duro burel, a lã grossa e negra. A paisagem é triste e árida. O sol é um tigião e as chuvas rolam pelas ravinas em medonhas pragas. As casas são pobres, de pedra sabrosa, avermelhada, sem cal. As janelas não têm vidraças, o tecto

(Continua na 3.ª pág.)

## «AURORA DO LIMA» BELEZAS DA NOSSA TERRA

### Um passeio pela serra

Completa hoje 96 anos de publicação este conceituado bi-semanário de Viana de Castelo, caminhando a passos gigantes para o centenário.

«A Voz de Melgaço associa-se à festa do querido amigo e faz votos para que a estes 96 anos Deus acrescente muitos mais e melhores.

Um belo e risonho dia de Outono, pela fresca manhã, subia vagarosamente a encosta da serra da Peneda.

Quando o sol brilhante e ardente daquele dia outo-

nal, começava a raiar os montes penhascosos da Peneda, já-me encontrava nas proximidades de Val de Poldros, onde deparei logo com os pastores que andavam vigiando os rebanhos das Zonas Florestais. Entre tive-me um bocadinho conversando com eles, e escutei aquele tiliantar dos chochos que muito me agradou.

Dali a momentos já me encontrava junto do Santuário de Santo António de Vale de Poldros, que se encontrava sózinho no alto da serra, unicamente vigiado pelos anjos celestes do Céu e por alguns grupos de caçadores, que se entre tinham a caçar por aquelas redondezas. Contemplando todo o Santuário segui o meu destino. Dali a poucos minutos, estava na veranda da Abeleira, onde visitei a capelinha de Nossa Senhora da Guia, e sentado num banco de pedra junto da ermida, apreciei aqueles ares frescos da serra, e, contemplando a bela natureza, saboreei um grande merendeiro que me acompanhava.

E apreciando aqueles lavradores da freguesia da Gave, que andavam arrancando batatas, segui em direcção a Chã dos Feitos. Quando me acordei estava junto do batalal do Sr. Vasconcelos. Continuei a minha viagem. Dali a pouco fui surpreendido por cânticos populares.

Pus-me de escuta àqueles cantares.

Preguntando a alguém que passava onde era que cantavam tão suavemente:

— É no batalal. Segui mais uns passos e estaquei logo, com grande número de pessoas, que trabalhavam no batalal.

Pela estrada, segui em direcção a Lamas de Mouro.

Dali a dez minutos estava na Bcuça dos Homens, onde me encontrei com

(Continua na 3.ª pág.)

## «A VOZ DE MELGAÇO»

deseja a todos os seus colaboradores, assinantes e anunciantes, Boas Festas do Natal e Feliz Ano Novo.

## EFEMERIDES

Em 16 de Dezembro de 1908, faleceu na sua casa da Calçada — casa que foi demolida em 1928 para em seu lugar ser levantado o prédio onde está instalado o estabelecimento comercial de Aprigio Cerqueira — José Cândido Gomes de Abreu, de 83 anos, casado que foi com D. Ana Joaquina Vasques de Abreu, Cavaleiro da ordem de N. S. da Conceição, antigo e prestigioso Provedor da Santa Casa da Misericórdia, substituído do juiz de direito desta comarca durante mais de 30 anos com secutivos, agente do Banco Comercial e Aliança depositário da Companhia dos Tabacos, etc., etc.. Ao seu altruismo e generosidade se deve a fundação do Hospital da Misericórdia, o da extinta «Associação de Socorros Mútuos Centro Artístico Melgacense», a artística e elegante pia baptismal da Matriz, e outras obras.

Foi nomeado contra sua vontade presidente do nosso Município em 1866, 1879 e 1885, em cujos conselhos levou a efeito grandes melhoramentos, tais como: a instalação da primeira iluminação pública

na vila — 32 candeeiros a petróleo que deviam alumiar muito melhor do que a actual luz eléctrica — a construção da capela e casa depósito do cemitério, rua do Rio do Porto, etc., etc..

O seu cadáver, vestido de casaca e envolto na capa da Misericórdia, foi conduzido pelas 10 horas do dia seguinte para a Matriz, sendo acompanhado pelas confrarias da Misericórdia, Almas e S. S. Co. de Jesus da Vila; Almas de Chaviães, Prado, e Rouças; Irmandade de N. S. dos Remédios de Sante e alunos da escola Conde de Ferreira, com estrandarte e professorado. Teve ofícios de corpo presente com a assistência de 30 clérigos e missa de Requiem a grande instrumental por uma orquestra de Monção. Da sua residência para a Igreja, pegaram ao caixão os irmãos, da Misericórdia e às bordas: Francisco José da Cunha Guimarães, Baltazar Luiz de Araújo Azevedo, Francisco António Esteves, José Ferreira das Casas, Domingos Ferreira de Araújo e Adelino Moura dos Santos. Fechou-lhe

(Continua na 3.ª pág.)

# PELA NOSSA TERRA...

## DA VILA E ALDEIAS

# DA VILA — SOCIEDADE

### Sonhar é fácil...

Não é paródia aquela célebre revista, podes crer. Foi o caso que hoje, após termos comido bem e bebido melhor—comer bem e beber melhor... acontecimento raro na arquipélina trissíma mesa deste vosso amigo — raro em todos os tempos, mas muito mais raro nestes tempos mal fadados e de indesejável penúria que nos vem fustigando—mas, após termos comido bem e bebido melhor, dizíamos, fomos deixando tomar por uma espécie de quebranto, uma agradável torpeza, ou coisa parecida, enfim, um bem estar que pouco a pouco nos vai mostrando a vida em quadros cor de rosa (e é público e notório a cor daquela ser negra...) até que... em dado momento, caminhávamos lado a lado cavaqueando amenamente com o illustre Morfeu, um nosso inestimável amigo da velha guarda.

E, assim, foi que fomos visitar os trabalhos da Câmara.— Os da Avenida?— Não. O nosso campo de jogos, a feira do gado e mais uns melhoramentos de interesse para o concelho. Estes trabalhos que se encontram já muito adiantados, vem-se realizando nos terrenos situados entre o norte da Praça da República e o caminho que vai para a Fonte da Vila, e entre a Avenida e a canjeira que vai para a dita Fonte—as "Hortas",— agora expropriadas pela Câmara por utilidade pública. O campo de jogos está já aterrado e na pista brilha uma soberba relva (Lawn Grass), estando a ser dados os últimos retoques a uma magnífica banca de cabeceira, a qual além de voltar as costas ao sol e ter lotação para uns três mil espectadores sentados e abrigados, constitua uma ótima cortina para impedir que os irmãos —borlistas, vejamos os respectivos, desafios da Avenida. O parque onde se hão de realizar as novas feiras de gado, e que ficam nos mesmos terrenos, também

já está devidamente arborizado com nogueiras e castanheiros. Aqui a Câmara soube juntar o útil ao agradável... Ainda nos mesmos terrenos, ergue-se uma airosa e linda casinha com seu horto contíguo. É a residência do jardineiro camarário; este, diga-se de passagem, percebe do seu ofício. Já tem all devidamente cultivados alfobres de flores e viveiros de plantas para os jardins municipais, e lindos vasos com cedros e loureiros, cuidadosamente tratados para as ornamentações das festas e recepções oficiais do concelho, etc., etc.

Ora, nestas e noutras observações iamos atentando, trocando impressões com o amigo Morfeu, quando de repente sentimos um violento safanão e simultaneamente uma voz exclamar:— Amigo! quem quer dormir paga a guarda. To ca, pois, a acordar e a fazer a "cavaqueira-quinzenal" para a gazeta, pois já hoje é o dia 10.

Era o nosso del'gente e preclaríssimo "reporter", que nos chamava à realidade.

Consequentemente, esfregamos os olhos, bocejamos, miramos e remiramos em redor, e... ó decepção! não enxergamos mais a sombra de Morfeu, nem o campo de futebol nem outros quejandos melhoramentos. Estávamos ainda à mesa e, parece que devido aos efeitos dum bom jantar, tínhamos dormido; de modo que tudo quanto acabamos de descrever, pelos vistos, não passou dum quimérico sonho. Um sonho que se, apesar de quimérico, pudesse tornar-se realidade... Se pudessem... Quinté!...

Não vos parece, ó Melgacenses?...

E porque não há-de ser uma realidade?

— Vamos a ela, todos.

§ § §

**Gralhas**— A última crónica saiu bastante gralhada. De entre tantas, apenas corrigiremos o local do

nascimento do saudoso dr. António de Sousa Araújo que foi no Alentejo e não em Paderne, como noticia mos; a data da sua formação que também não foi em 1812 mas em 1912 e um certo K descarado que atrevidamente tomou o lugar de um V, resultando na escrita alqueire por alqueive, o que, embora rime, não é a mesma coisa.

**Estrada Nacional n.º 202**— Foi protelado para o dia 18 do corrente o concurso público para a empreitada de construção do troço da E.N. n.º 202 entre Lamas e Santé deste concelho, o qual se havia de efectuar em 11 pretérito.

Bom será que estes trabalhos se façam quanto antes, porquanto, devido às últimas enxurradas, aquela artéria tem roços onde se pode esconder um homem.

**Atropelamento**— Quando no pretérito dia 25 o nosso estimado amigo sr. António Regueira, surdo-mudo, desta Vila, seguia pela Praça da República, foi brutalmente atropelado por um ciclista de nome Ernesto Durães, de Regueixo, S. Paio, resultando aquele nosso amigo ficar com vários ferimentos na cabeça, pelo que teve de receber tratamento no Hospital da Misericórdia. Desejamos o seu pronto restabelecimento e desejamos outrosim que quem de direito aplique o rigor da lei ao enfiado ciclista, para que este e outros que por aí passam por "sobre toda a folha", se convençam de que as ruas desta Vila não são pistas de velódromo...

**Na Calçada**— Começaram os trabalhos de pavimentação do largo "José Cândido Gomes de Abreu", o qual, tal como a quase totalidade das artérias desta Vila, estava muito precizado. É preciso mais...

**Dia da Imaculada Conceição**— Em honra da Imaculada Conceição de Maria, gloriosa Padroeira de Portugal, realizou-se no passado dia 8 na nossa igreja matriz missa solene e ser

**Aniversários**— Fazem anos: — No dia 18 os srs. Augusto Ramos e Hilário Alves Gonçalves; no dia 22 o sr. Evaristo José Domingues; no dia 24 a sra. D. Beatriz de Jesus Esteves Rodrigues; no dia 26 os srs. Ernesto Viriato dos Passos Ferreira da Silva e António Barbeiros da Silva e os jovens Fernando Al

varo Gomes de Sousa e José Américo Esteves, e no dia 28 a sra. D. Alexandrina Túnica Esteves e o sr. Manuel Fernandes de Sousa.

**Arcepreste concelhio**— Em serviço de Missão, foi a Castro Daire, donde já regressou, o nosso querido amigo rev. sr. P. Carlos António Vaz, zeloso Arcepreste concelhio.

**Casamento**— Em 2 do corrente, realizou-se na Matriz desta Vila, o casamento da sra. Maria dos Anjos Colmeiro, das Varzeas, com o sr. José Bermudes, barbeiro, desta Vila.

**Paraninfaram** o acto, por ambos os nubentes, a sra. D. Aida Bermudes, prima do noivo, e o sr. António do Paço. Desejamos lhes um lar muito venturoso e as felices cidades de que são dignos.

**Novo comandante da Secção da G. F.**— No pretérito dia 5, tomou o comando da Secção da G. F. deste concelho o sr. alferes José Gonçalves, a quem enviamos os respectivos cumprimentos e pomos as colunas do nosso jornal ao seu inteiro dispor.

**Tempo e a agricultura**— Cessou a chuva, mas o taró tem sido de respeito—tem feito um frio siberiano. —Prosseguem com regularidade os trabalhos agrícolas da época; não faltam pastos para os gados e as hortas também tem aspecto agradável.

**Desastre de viação**— No passado dia 7, deram entrada no Hospital desta Vila, com ferimentos de certa gravidade, Joaquina Fernandes, de 65 anos, e José Gonçalves, de 70 anos, ambos de Varzea Travessa, Castro Laboreiro os quais seguiam numa caminheta, que regressava do mercado, desta Vila, guiada pelo seu proprietário, Abel Alves, do referido lugar e freguesia, que nas proximidades do Vido, por se lhe ter partido o eixo dianteiro, se despenhou por uma ribanceira de cerca de 15 metros de altura.

Houve mais sinistrados, mas ligeiramente feridos. O referido proprietário, segundo afirmações dos próprios feridos, não teve culpabilidade no desastre.

**Vindos de França**, chegaram aqui os srs. Venâncio Domingues Machado, de S. Cosme, Serafim Gregório, Teofóro Afonso e filho Augusto Afonso, dos Coelho.

Muitas felicidades, são os nossos anelos.

— Já seguiu para a Capital, a menina Maria da Anunciação Duque. Boa viagem.

— Após prolongada internária sempre vieram uns dias de bom tempo, para a gente se prevenir de lenha, mato e para acabar de recolher o S. Miguel.

— Já vão adiantadas as obras da reparação do caminho que liga o lugar de Eiriz à freguesia. Parabéns à nossa Junta.

— Deide já desejamos Boas Festas do Natal e um feliz Ano Novo a todo o corpo redactorial, correpondentes, assinantes e leitores deste jornal.—C.

**Gave, 10**

Vindos de França, chegaram aqui os srs. Venâncio Domingues Machado, de S. Cosme, Serafim Gregório, Teofóro Afonso e filho Augusto Afonso, dos Coelho.

Muitas felicidades, são os nossos anelos.

— Já seguiu para a Capital, a menina Maria da Anunciação Duque. Boa viagem.

— Após prolongada internária sempre vieram uns dias de bom tempo, para a gente se prevenir de lenha, mato e para acabar de recolher o S. Miguel.

— Já vão adiantadas as obras da reparação do caminho que liga o lugar de Eiriz à freguesia. Parabéns à nossa Junta.

Houve mais sinistrados, mas ligeiramente feridos. O referido proprietário, segundo afirmações dos próprios feridos, não teve culpabilidade no desastre.

Vindos de França, chegaram aqui os srs. Venâncio Domingues Machado, de S. Cosme, Serafim Gregório, Teofóro Afonso e filho Augusto Afonso, dos Coelho.

Muitas felicidades, são os nossos anelos.

— Já seguiu para a Capital, a menina Maria da Anunciação Duque. Boa viagem.

— Após prolongada internária sempre vieram uns dias de bom tempo, para a gente se prevenir de lenha, mato e para acabar de recolher o S. Miguel.

— Já vão adiantadas as obras da reparação do caminho que liga o lugar de Eiriz à freguesia. Parabéns à nossa Junta.

— Deide já desejamos Boas Festas do Natal e um feliz Ano Novo a todo o corpo redactorial, correpondentes, assinantes e leitores deste jornal.—C.

# PRADO, 10

## As «minhas» oliveiras do Monte de Prado. E o mais que se há de ler

Vimos na última correria a pondência que podem ser plantadas trinta mil oliveiras no Monte desta freguesia. Vejamos agora, mais ou menos, qual o cabedal que seria necessário para levar a efeito este magno empreendimento.

Primeiramente, havia que construir nas proximidades da Fonte das Cabras — a mais pura e a melhor das águas potáveis conhecidas que, para mim, só tem rival na do Monte do Vido, ali por baixo de Etró — uma casa para dois guardas e duas respectivas famílias; cujo custo, atendendo a que a pedra se pode cortar no próprio local e areia e saibro também não carecem de transporte, não iria além de 50 contos.

Depois, dividido o referido monte em duas zonas, nomear-se-ia um guarda para cada uma delas, cujas funções não faltariam aqui pessoas de reconhecida idoneidade que se oferecessem para desempenharem as suas respectivas funções por 300\$00 mensais o que, para ambos, ao cabo de quinze anos faria o capital de 108 contos.

E as oliveiras? As oliveiras, de 1,50 a 2 m. de altura, custam 6\$50 cada; 600\$00, o cento e 5.500\$00, o milheiro. Por conseguinte, as trinta mil importariam em 165 contos. Há, porém, oliveiras mais baratas. Por exemplo: as de 1 m. de altura a pé e a s custam 2.000\$, o milheiro; mas não convém, já porque lhes leva muito tempo a desenvolverem-se.

Mas também era m precisas 30 mil estacas-tutores. . . Pois eram. Estas custariam uns 45 contos.

Mais. Abertura de covas e plantação das oliveiras 75 contos (estes trabalhos tinham que ser dados à tarefa, senão. . .); capatazes 7 contos e outras despesas imprevistas 50 contos.

Em resumo: — so m das as respectivas parcelas, tems que eram necessários 500 contos, mais o juro resultante deste empréstimo, para levar a efeito esta grandiosa obra. É muito, havemos de convir; mas, em confronto com os proventos que dali haviam de vir, é uma insignificância.

Como seria facilimo resolver este problema com a ajuda Marshall. . . — já estou com as mãos

enfarinhadas, aproveito o ensejo para recomendar aqueles que por ventura venham a praticar a cultura da oliveira, três variedades que proporionalmente juntas dão os melhores resultados, quer pela qualidade, quer pela quantidade de azeite que produzem. São elas: — «Carrasquinha», «Carrasca», e «Galego Grado». A primeira é de grande produção, muito embora sofra de alternância, isto é, produz alternadamente. É uma ótima qualidade, já pela abundância de azeite que produz, já por ser muito resistente ao *Dactylus Oleae* (a «mosca» da azeitona); a segunda é de frutos negros e a melhor para azeite pela sua fina qualidade e a terceira, além de ser de frutos grandes, é também magnífica para azeite.

Estes conselhos vão par dessus le marché; isto é, absolutamente gratis. De resto, também ninguém me encomendou o sermão. . .

Tive o prazer de cumprimentar aqui o meu velho amigo sr. António Napoleão Gonçalves, muito digno do cargo de G. F. e comandante do Posto da referida guarda da Peneda. Acaba de concorrer ao posto de 1.º cabo e ficou bem. Minhas felicitações. — Também aqui cumprimentei o nosso estimado assinante sr. Alfredo dos Ramos Ribeiro, diligente cantoneiro da J. A. E. em Gómeas. Anda a tratar de conseguir vir para auxiliar deste cantão. Oxalá consiga.

— Tem passado muito doente uma filha do sr. Manuel Camanho de Carvalho, das Murinheiras, à qual desejo rápido e completo restabelecimento.

— Após prolongado e cruel sofrimento, faleceu ante-ontem em Santo Amaro, o nosso querido amigo sr. Luis Augusto Gonçalves, de 44 anos, casado com a sr.ª D. Idalina Gonçalves e cunhado do generoso capitalista sr. Alípio Gonçalves.

Porque o saudoso extinto era um *Homem Bom*, gosando da estima de toda a gente, a sua morte foi sentidíssima. O seu funeral, que se realizou ontem, demonstrou bem o quanto o finado era querido, tendo-se nele incorpo-

**Beleza da nossa terra**  
(Continuação da 1.ª pág.)  
alguns moradores do lugar da Peneda.

Trocando algumas palavras com aqueles Penedenses, e com algumas meninas de olhinhos faiscantes, e encantadoras, sei qual o meu destino.

Algumas horas depois estava eu Lamas de Mouro, terra de tipo castrejo, em que aprelei os grosseiros trajos daquelas mulheres que usavam roupas de serguelha e nas pernas, grandes polainas de burel, enfim, preparadas para a estação invernal.

Com isto eram quatro horas da tarde e encontrava-me na estrada de Castro Laboreiro, donde seguiu em automóvel para a vila de Melgaço.

Que belo dia eu passei pela serra! B. R.

### Parada do Monte, 7

Partiu para Cascais a Sr.ª Maria Pereira e seu filhinho Júlio que foi reunir-se a seu marido e filhos, que residem naquela Vila.

**Casamentos**—Consoaram-se no dia 28 de Novembro o Sr. Manuel de Barros com a Sr.ª Maria Afonso, ambos do lugar da Trigueira, desta freguesia. Serviram de padrinhos o Sr. Manuel Rodrigues e a Sr.ª Maria de Barros. Aos noivos que são dotados de primorosos dotes físicos e morais, desejamos-lhes uma perene lua de mel.

— Também no dia 29 realizou o seu enlace o Sr. Manuel Esteves, do lugar da Baldosa, da freguesia da Gave, com a menina Maria Esteves, do lugar do Paço, desta freguesia.

**Nascimento**—Deu à luz uma criança do sexo feminino a Sr.ª Puzza Afonso, esposa do Sr. Eduardo Rodrigues, do lugar da Aldeia Grande. Mãe e filho encontram-se bem.

**Falecimento**—Com a bonita idade de 87 anos faleceu no dia 3 o Sr. Francisco Esteves, do lugar de Cortegada. Paz à sua alma. — C.

rado numerosíssimas pessoas, nem só daqui como também da Vila e doutras freguesias, e pelo percurso foram organizados vários turnos.

Deixa 5 filhos, todos menores, na orfandade. Paz à sua alma e os meus sentidos pêsamos a toda a família enlutada.

— Aos nossos ilustres Director, Redactor, leitores e amigos, desejo um Natal feliz e um Novo Ano muito venturoso. — C.

## Conheçamos a nossa terra

(Continuação da 1.ª pág.)

ou é de palha centeira ou de telha vã» (Luiz de Almeida Braga — Paixão e Graça da Terra — Porto 1932, pág. 68)

Se ele fosse lá conosco não diria que *o sol é como um tição*, diz um da comitiva.

Agora também veria muitas casas modernas, diz outro.

Entrementes abri as *Memórias de D. Fr. Caelano Brandão*, arcebispo de Braga, e procurei uma carta que o ilustre prelado escreveu a 26 de Setembro de 1791 (?):

«Escrevi a V. M. ultimamente da Vila dos Arcos; agora o faço de Castro Laboreiro, depois de ter visitado Cabreiro e Valadares e próximo a descer para Melgaço. Que serras fragosíssimas; que caminhos, que despenhadeiros! O lugar em que estou actualmente é a Noruega de Portugal: não se vê senão rochas escarpadas e medonhas; árvores frutíferas nem uma só, e ainda as outras são muito raras; não há milho, nem trigo, nem hortaliça de casta alguma, apenas o grão de centeiro. Que lhe hei de dizer da gente? Estão na sua primitiva simplicidade, sem que o luxo tenha feito aqui a mais leve alteração: homens e mulheres com o seu respectivo uniforme de que nem um se aparta; não há coisa mais feia que o do sexo feminino: uma manta de Çaragoça dobrada na cabeça despendo da parte de diante até ao peito muito cosida com o rosto; de trás até quase ao chão; um avental da mesma ou manteo, sem género de refego nem prega; polainas de pano branco e uns tamancos muito altos atados com diferentes correias; é o vestido geral de todas; as caras são tapuyas as tostadas e disformes; contudo sabem os Mistérios da nossa Santa Religião: amam as coisas de Deus; e não me consta que haja no lugar escândalos grosseiros. Ficaram contentíssimos de me ver na sua terra aonde não chegara Prelado há perto de um século; e desde que cheguei sempre a Igreja tem estado cheia de povo. Queria dizer mais, pois tinha muito que contar, mas falta o tempo.» (vol. II — Braga 1867, pág. 107).

Os tempos vão andando e a moderna estrada trouxe uma nova era ao bom e tralhador povo castrejo.

Bernardo Fintor

## S. PAIO, 10

Regiessou, no passado dia 7, dando entrada na cadeia, o célebre Resineiro que, em companhia de Alexandre Figueiredo, tinha ido passear para Espanha. Que se emende.

— No passado dia 2, realizou-se o baptizado dum filho do sr. António de Freitas, guarda-rios, e de sua prendada esposa, recebendo o nome de José Manuel. Foi padrinho o rev. José Marques.

— Realiza-se, no próximo dia 18, na J. A. E., o concurso para a construção da 2.ª fase do lanço da E. N. 201, entre Sante e Lamas de Mouro. A base é de 1.000.000\$00; depósito provisório 25.001\$00 e o depósito definitivo de 500 da adjudicação.

— Teve lugar no dia 9, na capelinha de Santo André, a festividade religiosa em honra de Santa Bárbara, sendo orador o rev. P.º Júlio de Barbeita.

— Ontem, dia 9, cerca das 15 horas, a Junta desta freguesia deslocou-se ao lugar das Cavencas para determinar o dia do início dos trabalhos de abastecimento de água ao lugar, sendo escolhido o próximo dia 17. Oxalá que sejam logo executados, porque já fez no mês passado um ano que o dinheiro foi levantado. Agradece-se, reconhecidamente, ao Sr. Presidente da Câmara Municipal a atenção que dispensou aos ditos moradores.

— Inscreveram-se como assinantes de «A Voz de Melgaço», as meninas Maria Amélia Carpinteiro, da Rasa, e Margarida Alves, do Pombal. — C.

## PADERNE, 10

**Casamentos elegantes**—Realizou-se no dia 8 do corrente no nosso velho convento o da menina Maria da Glória Fernandes Pereira, do lugar da Portela, com o nosso bondoso amigo, sr. Aurélio Manuel Gonçalves, industrial, do lugar de Ferreiros.

Paranifaram o acto por parte da noiva sua tia paterna, menina Palmira Passos Pereira e seu tio materno Sr. Pompeu Baptista Fernandes Pereira e por parte do noivo, seu pai Sr. Manuel José Gonçalves e sua irmã, meninas Maria de Lourdes Gonçalves.

— Também no dia 6 se realizou o da menina Cláudia da Glória Pires, do lugar de Estivadas, com o conceituado industrial Sr. Abílio Pires, em S. Paulo — Terras de Santa Cruz.

Aos noivos, que são dotados de belos sentimentos, desejamos-lhes uma lua de mel feliz e um lar próspero. — C.

# Monografias

## Nossa Senhora da Orada

pelo P.e Arlindo R. da Cunha

Em Março de 1940, publicou a Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais o n.º 19 do seu artístico e presioso boletim, acerca da Igreja de Nossa Senhora da Orada, em Melgaço.

É a Senhora da Orada um lindo monumento românico do Século XII, que o Ministério das Obras Públicas restaurou sob os auspícios da referida Direcção Geral. Situada à beira da estrada que segue para S. Gregório, é centro de devoção de portugueses e espanhóis, e tem inspirado aos devotos de Portugal algumas quadras populares, mais manifestativas de rivalidade entre as duas Nações que de união religiosa e habilidade poética. Atenda-se às seguintes:

*Nossa Senhora da Orada,  
De Melgaço natural:  
Na Galiza é mais valém  
Nada há assim igual.*

*Nossa Senhora da Orada,  
Mau vento sopra de Espanha:  
Os de lá vos dão louvores,  
Os de lá vos trazem manha.*

*Nossa Senhora da Orada!  
Aos de cá de Portugal,  
Primeiro qua a mais ninguém  
Livrai-os de todo o mal.*

Conheço mais Santuários consagrados a este título de Nossa Senhora. Um, de que a seguir me occuparei mais de espaço, é em Vieira do Minho, na freguesia de Pinheiro; outro entre Paços (S. Sebastião) e S. Clemente de Basto. Foi certamente daqui que se espalhou a devoção aos arredores e deve ter essa origem a imagem de Nossa Senhora da Orada, bem linda por sinal, que vi na capela da Cucana, lugar outrora pertencente a Refojos de Basto e na actualidade à referida paróquia de Paços.

Além disso há em Borba do Alentejo a freguesia de Nossa Senhora da Orada; na igreja do Convento de Avis a capela de N. S. da Orada; outra em Souzel; outra em S. Vicente da Beira, com uma festa que é a mais concorrida da região; e outra ainda em Albufeira, no Algarve. Foi esta Senhora da Orada a única que mereceu aos nossos Reis de Armas e passavantes as honras de figurar na nobiliarquia portuguesa, conferindo o nome do título a António Pedro de Mendonça Corte-Real, primeiro e único Visconde da Orada.

Tem sido discutido o létimo da invocação.

Diz o citado n.º 19 do Boletim dos Monumentos Nacionais «que o nosso primeiro rei mandou erigir em meio dos escombros da orada cristã a referida igreja de Melgaço, e acrescenta na página 15 do n.º 59 que a Igreja de S. Romão de Arões é «uma grande orada» com dois altares, donde se infere que o elegante escritor escolhido para Redactor da brilhante publicação relaciona orada com o verbo orar e lhe atribui o significado de oratório.

Parece-me, porém, diminuta a vitalidade de orada para servir de nome a tantos santuários marianos espalhados de mais a mais desde o Minho ao Algarve.

Conheço-a unicamente dum «romance» popular publicado por Luís Chaves na página 83 dos *Estudos de Poesia Popular*. Os dicionários não citam abonações nem se entendem muito bem uns com os outros quanto ao significado da palavra. Diz Pinho Leal que é termo do português antigo e vale «mesmo que oráculo». Chama-lhe Fr. Domingos Vieira «Termo antiquado. Lugar onde se faz oração a Deus».

A respeito de antiguidade, será bom dizer que a não apresentam em seus glossários nem Santa Rosa Viterbo nem A. A. Cortesão. Sömente H. Brunswick, no seu *Dic. Ant. Ling-Port.*, a define como «capella, ermida». Cândido de Figueiredo — cito a 5.ª edição — chama-lhe palavra «Pop. Lugar em que se ora ou se reza. Ermida, capela fora do povoado». E' escusado fazer mais citações. Bastam as sobram as apresentadas, tanto mais que a única abonação feita até agora é a que extraiu do «romance» de Santa Iria.

## Efemérides

(Continuação da 1.ª pág.)  
o caixão João Pires Teixeira e da igreja para o cemitério organizaram-se três turnos.

No cemitério, usaram da palavra: José Ferreira Las Casas, em nome do «Jornal de Melgaço»; João Pires Teixeira, pela Misericórdia; António Joaquim Esteves, pelo comércio urbano e António Augusto de Araújo, em nome do comércio rural.

Em 18 de Dezembro de 1735, finou-se em Paços o rev. Inácio de Araújo, vigário da referida freguesia.

Em 21 de Dezembro de 1723, morreu na Vila o Abade desta freguesia, rev. João Dias dos Santos, um dos fundadores da extinta confraria do Espírito Santo, à qual, no seu testamento, deixou a avultada esmola de 10 000 reis e à Confraria do Senhor «... as casas em que viveu o seu sucessor que foi o R.do M.el da Ríbra com obrigação de tres missas cada ano».

— «Cazas que forão do R.do João Dias Santos e quinta bem conhecidas na rua que vai da Igreja para a misericórdia» e que são, afinal, a actual Residência Paroquial.

Em 25 de Dezembro de 1926, faleceu em Paços o rev. António Avelino do Outeiro, fundador da capela de N. S. da Orada, em Merelhe, da referida freguesia, e também antigo pároco da Vila de Melgaço.

Em 27 de Dezembro de 1909, finou-se em Penso, cuja freguesia pastoraria desde Junho desse ano, o rev. Manuel Luis Pereira. Contava apenas 41 anos de idade, foi vitimado por congestão cerebral e era natural de Cambezes, Monção, onde também foi pároco encomendado.

E... até ao próximo ano, fiquem-se com «isto». E olhem que já não é pouca coisa.

Mário

N. do A. — *Continuá a indesejável praga das gralhas. Assim, a oitava efeméride do último número, saiu com a data de 1849 em vez de 1749. Desculpem.*

Não obstante nunca ter ouvido tal palavra a que alguns dicionaristas, como vimos, chamam popular, não me custaria a admiti-la como létimo dos santuários referidos se não fosse a circunstância de excusivamente se aplicar às igrejas ou capelas marianas, quando é certo que tanto se ora junto duma imagem da Virgem, como das de cada uma das Três Pessoas Divinas ou das de qualquer Santo ou Santa; e qualquer templo católico que se não destina a todos os fiéis se chama oratório, seja qual for a sua invocação.

Bernardo Pintor, pseudónimo que occulta o nome verdadeiro dum sacerdote ilustrado e amigo de saber, louvando-se no *Livro das datas* do Mosteiro de Fiães, onde sempre se lê *Erada* ou *Herada* e nunca *Orada*, julga que o título da Senhora deriva de *hera* e não de *orar*. Podem-se contrapor três razões:

- 1) As Inquirições de D. Afonso III (1258), decerto anteriores ao *Livro das Datas*, já trazem *Orada* e não *Erada*;
- 2) *Herada* podia dar *erada* e *arada*, mas não *orada*;
- 3) a capela da Senhora da Orada de Vieira do Minho fica num terreno humidíssimo, e ensina a Botânica que a ecologia da *hera* exige terreno seco.

Qual será pois o létimo do título de Nossa Senhora da Orada?

Luís Keil que organizou o primeiro volume do *Inventário Artístico de Portugal*, referente ao Distrito de Portalegre, diz na página XXX da prestimosa publicação que a imagem de Nossa Senhora da Orada da igreja conventual de Avis é «obra essencialmente inspirada no tipo borgonhês do fim do século XIV», que «nos faz lembrar essas virgens góticas da região de Reims e de Dijon».

Terá pois vindo de França a imagem de Nossa Senhora da Orada e com ela ou antes dela a devoção à Virgem invocada sob esse título? É possível sem embargo de a de Melgaço datar do Século XII. É bom de ver que cavaleiros vindos de França, por exemplo o Conde D. Henrique de Borgonha, podia ter trazido de lá a devoção a um título da Virgem (sob o qual a Mãe de Deus e dos homens era invocada na sua terra de origem. Que foram esses cavaleiros quem por cá espalhou o culto de Nossa Senhora de Vandoma e de Rocamadour, a quem os Portugueses chamaram do *Reclamador*, é facto geralmente admitido. Podiam também ter trazido a devoção a Nossa Senhora da Orada se em França houvesse qualquer coisa de nome aproximado. E o certo é que havia e ainda há.

Tenho presente *Les Indulgences* de Beringer e leio ali, na pág. 5 do vol. II da edição de 1925, que em Tolosa existe uma antiga igreja «de la Daurade (B. M. Dauratae)», onde em 1413 se instituiu com o nome de Purgatório uma Confraria de Mortos.

Em meu entender, foi esta a origem da devoção a Nossa Senhora da Orada, a quem a badinha lauretana chama *domus aurea* que vale o mesmo que *deaurata*, de ouro. Sou levado a aceitar essa explicação principalmente pela relação que existe entre a Nossa Senhora da Orada e a devoção às Almas em Pinheiro, Vieira do Minho. Como na igreja *Dourade* de Tolosa, ali está instituída uma antiga Confraria que se destina sobretudo a sufragar as Almas do Purgatório.

Dizem com efeito os Estatutos de 1683 que todos os membros da Confraria são obrigados a ir ao enterro de cada um dos confrades que forem morrendo e a rezar, pela alma do defunto, um terço logo que souberem do falecimento e outro durante o officio. Os irmãos sacerdotes, em vez dos terços, rezarão cinco responsos. Além disso, cada irmão falecido terá uma missa em altar privilegiado, e, dentro de dois meses a contar da morte, três officios: o primeiro de nove lições e os outros de três.

Gostava de saber se nos Santuários meridionais de Nossa Senhora da Orada também está o culto da Virgem relacionado como o sufragio das Almas do Purgatório.

No que ao de Melgaço diz respeito, interessa-mos o caso, porque ali o culto de Maria Santíssima, se pode ser posterior à construção da Igreja de la *Dourade* de Tolosa, data de mais de dois séculos antes de em França se unirem as duas devoções.

Este porém já vai longo de mais como até reconhece o talvez único leitor que o aguentou até final.

# A VOZ DE MELGAÇO

Quinzenário católico e regionalista

Director e Administrador:  
P.<sup>e</sup> JÚLIO HILARIÃO VAZ

Redacção e Administração, Interina: Residência Paroquial — Melgaço  
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada» — Braga  
AVENÇA

Chefe da Redacção e Editor:  
CARLOS ANTÓNIO VAZ

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL 15\$00  
ANO VI

MELGAÇO, 1 de Dezembro de 1951

AVISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA  
N.º 12

## A UNIÃO...

Só excepcionalmente nesta secção se apreciam factos que digam respeito à política interna do nosso país.

Hoje, porém, não queremos deixar de referir o que se passa entre nós, pois que três elementos destacados da política nacional fizeram importantes declarações nos últimos dias:

- 1) Sua Ex.cia o general Craveiro Lopes, no Porto, lembrou o seu juramento constitucional para a Suprema Magistratura e acentuou bem claramente que desejava a união de todos os portugueses em volta do chefe do Estado, condenando abertamente os fautores das cisões ou das desuniões
- 2) Salazar no discurso de abertura do III Congresso da União Nacional, depois de examinar pormenorizadamente a gravidade da política mundial e a consistência do regime, que ele estruturou, e depois de haver falado de monarquia, apelou para a união de todos os portugueses
- 3) O Sr. Ministro da Educação Nacional, na sessão inaugural do novo edifício da Faculdade de Letras em Coimbra disse no remate do seu discurso:

«Não quero terminar sem afirmar a V. Ex.cia, como informação que lhe é devida, que o corpo docente da Universidade portuguesa, está pela sua inteligência, pela sua cultura, pelo conhecimento exacto das necessidades do País, pelo seu ilimitado patriotismo e vontade de servir, à altura da missão que V. Ex.cia lhe quiser confiar».

Coincidência admirável de três oradores:

- 1) o general Craveiro Lopes preconizou a união de todos à volta do chefe do Estado
- 2) Salazar pediu a união das inteligências — à autoridade
- 3) o ministro Pires de Lima, em razão do seu cargo, informa o chefe de Estado que a Universidade Portuguesa tem vontade de servir «à altura da missão» que a autoridade lhe confiar.

Não somos mais que um jornal católico e, no aspecto político só subsidiariamente, secundariamente, é que a versamos aqui, porque sobrepomos por dever e respeito à hierarquia Deus e os seus direitos a tudo o mais.

Mas, como cidadão, não podemos alhear-nos da política e ter a apreciar sob a luz do que é imutável, porque é eterno.

Está a decorrer o II Congresso da União Nacional e os nossos votos não podem ser outros senão que nessas reuniões de estudo se obtenham conclusões que façam de Portugal uma nação cada vez maior na prosperidade e no progresso moral.

Certamente que este Congresso buscará o meio de encontrar a união que os responsáveis da política por-

(Continua na 4.ª página)

## «A VOZ DE MELGAÇO»

A numeração do nosso jornal tem saído repetida e, portanto, errada.

Para qualquer citação torna-se enfadonho, embora a citação seja, geralmente acompanhada da data da publicação do mesmo, esta irregularidade.

O número presente é o número 12. Desta forma, fica tudo como é, oxalá, continue para o futuro.

## Dr. MANUEL GALDAS

«A Terra Minhota» teve a feliz ideia de promover uma homenagem ao ilustre médico de Monção, Dr. Manuel Caldas.

Costosamente nos associamos a tão merecida homenagem.

## De Melgaço a Fátima

# no ANO SANTO

Na última crónica, há um mês, tínhamos ficado nas proximidades de Coimbra. Deixamos o Buçaco já bastante noite e com pena de não termos chegado lá a tempo de ver tudo muito bem, mas não se pôde mais. Será para outra vez, querendo Deus!

Dali seguimos para a cidade Universitária. Uma vez lá chegados tratamos de satisfazer os estômagos. Tentamos arranjar hospedagem, mas foi impossível. Estava tudo repleto. Demos então alguns passeios pela encantadora cidade do Mondego; visitamos a Feira Popular e outras coisas e por fim resolvemos continuar viagem. Lá fomos até Leiria, onde chegamos à pela uma hora do dia 12 e descansamos outro pouco.

Restauradas as forças do incomparável Sanariz, de novo nos puzemos a caminho até à Terra Bendita de Fátima, onde estávamos às 6 horas do referido dia 12, tendo percorrido 400 quilómetros em 22 horas, com as devidas paragens.

Foi um «record» para uma camionete.

Eu e o colega pensávamos que era só chegar e celebrar Missa, mas qual! percorremos todos os Altares da Basílica, das Capelas do Hospital etc. e nada! Em todos intermináveis bichas de sacerdotes à espera da vez. Se os Altares eram muitos — uns 60 — muitos mais se precisavam. Por fim ainda fui à Igreja Paroquial, mas sem resultado. Já perto do meio dia e muito cansado, desisti. Que Deus me agradecesse a boa vontade.

No dia 13 também ou não celebrava ou seria à tarde, se não fosse o meu amigo Sr. Frei «Mesquita» que me levou a vez, em um Altar, onde estava inscrito! Nunca vi lá tantos Padres! Creio que seriam 3 ou

## De terras desconhecidas

Ao Rev. do P.<sup>e</sup> Manuel António Bernardo,  
meritíssimo Abade de Riba-de-Mouro e

assíduo colaborador de «A VOZ DE MELGAÇO»

Se há tantas dificuldades para o homem durante os dias de jejum no deserto, mais deserto que o Saará e as regiões polares, a colaboração na Imprensa Regionalista é uma de que o homem se não sai mais facilmente e mais responsabilidades acumula sobre os seus ombros.

Alguém pensa o contrário, pois era. Escrever para público não é construir frases após frases, períodos após períodos com expressões superfluas e vocábulos di-

fíceis, mas sim coisa muito diferente eu que não posso explicar...

Ora, sendo assim, que direis vós, amáveis leitores do pobre e mais pobre do que ele não há ninguém!... — rabiscaior destas linhas mal ataviadas, amontoadas em terras longínquas (...), para diminuir saudades dum canteiro risonho e florido de Portugal que os mortos enviaderam e os vivos adoram?

Que direis vós?!... Sim... Mas que direi eu?...

O Minho é a Província que mais encantos oferece a quem quer seja; o Alto-Minho a região da Província mais feiticeira, mais atractiva, mais sedutora...

Como até hoje as minhas viagens não foram além do Minho vivia em dúvida, à espera de uma decisão completa, derrubante. E essa hora chegou finalmente.

(Paraocr tal pisão vou colocar em linha lateral o sentimento afectuoso que sustento para com o torrão natal bem como os demais alto-minhotos.) Pois bem: desta vez não fiquei com dúvidas a ponderar qual a verdade, qual a realidade...

Se durante os meus primeiros vinte anos fiz algumas viagens através do Alto e Baixo Minho, nunca pensei em ser obrigado a retirar-me para terras tão distantes que me desconhecem e vice-versa. Agora que o destino aqui me colocou sinto saudades a dilacerar-me o coração e a fragmentar-me o peito. Saudades do Alto-Minho!

O Alto-Minho é, efectivamente, (sem melindrar alguém) a joia de Portugal, o escol da região montanha. Por isso, é que eu me atrevo... sou obrigado a falar convosco.

(Continua na 3.ª pág.)

(Continua na 4.ª pág.)

# PELA NOSSA TERRA...

## DA VILA E ALDEIAS

### DA VILA — Cristóval, 20

*Uma obra que muito nos honra!* — Poucas, muito poucas, pessoas se terão apercebido da magna utilidade e dos incalculáveis benefícios espalhados pela Maternidade do nosso Hospital; poucas pessoas se terão disso apercebido e, quiçá, muitas haverá que ignorem até a própria existência desta nobilíssima instituição. E, portanto, — constantemente estão ali a desabrochar novos seres para a vida — futuros homens do Portugal de amanhã. Homens que enquanto viverem, certa e carinhosamente, lembrar-se-ão sempre da casa onde pela vez primeira viram a luz do dia e indubitavelmente hão-de constituir uma sólida e generosa falange, o núcleo, dos verdadeiros amigos daquele benemérito estabelecimento de caridade — o Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Melgaço, onde nada falta, desde a desvelada e carinhosa enfermagem das simpáticas irmãs até à mais eficiente assistência clínica.

*Estrada Nacional n.º 202* — A Junta Autónoma de Estradas realiza no próximo dia 11 de Dezembro concurso público para a obra de construção (2.ª fase) do lanço da E. N. n.º 202 entre Lamas e Sante, deste concelho. Base de licitação, 1.000.008\$500.

Esta obra, já pela muita falta que fazia, já por que vem dar alguns meses de trabalho a queles povos, vem em flagrante oportunidade. Bem haja, pois, o Governo da Nação.

Muito necessária é também a ligação daquela estrada com a que vem dos Arcos, pois enquanto não for realizada os turistas que visitam o Alto Minho continuarão, como até aqui, a fazer uma «grande cruz» a Melgaço. A passar de largo...

Urge, portanto, metter ombros a este «bico-de-obra».

*Desastre* — Com uma perna esfacelada, em virtude de desastre no trabalho, recolheu ao Hospital desta Vila Manuel Domingues, de 22 anos, do lugar de Urjaz, freguesia de Cubalhão.

*Falecimentos* — Na sua residência, à Avenida das Caldas, Monção, faleceu, em 17 do corrente, o sr. dr. Francisco António de Sousa Araújo, um dos mais talentosos causídicos do Alto Minho e que neste concelho, donde era natural, gozava de gerais estima e simpatia.

O saudoso extinto nasceu em Paderne, em 27 de Fevereiro de 1889, contando, portanto, 62 anos. Foram seus pais o prof. oficial António Cândido de Sousa Araújo, filho de Diogo Manuel de Sousa Araújo, também prof. oficial, e D. Venceslã da Encarnação Pereira.

Formou-se em Direito, com alta classificação, na Universidade de Coimbra em 1812, estreando-se nesse mesmo ano na carreira do foro, no tribunal desta comarca. Em 9 de Janeiro de 1913, tomou a chefia da Redacção do «Jornal de Melgaço» e em 25 do mesmo mês e ano foi nomeado sub-delegado do Procurador da República na comarca de Monção. Foi por duas vezes administrador do concelho de Melgaço, de cujo cargo tomou posse, respectivamente, em 24 de Fevereiro de 1913 e em 14 de Maio de 1914.

Casou com D. Albertina de Sousa Araújo, de Valadares, já falecida, de quem teve as sras D. Maria Virgínia, D. Maria da Glória, D. Palmira e D. Maria Venceslã de Sousa Araújo e ao sr. dr. Sebastião José de Sousa Araújo. O seu cadáver foi inhumado no cemitério de Valadares, do referido concelho de Monção.

A toda a família enlutada, enviamos sentidos pésames.

— Também faleceu há dias nos Chãos, (subúrbios desta Vila, a sra. Etelevina de Sousa, de 84 anos, viúva de Paulo Cunha, da Pigarra.

Sentimos.

*O tempo e a agricultura* — Amainou o temporal, mas não tem cessado de chover, estando a palha nos campos a apodrecer. Em compensação, há abundância de pastagens.

Já se iniciaram as sementeiras de centeio e são muitos os lavradores que fizeram os seus alqueires.

Continua o mau tempo. A chuva e o vento tem feito muito mal, levando a cabo ter dar algum trabalho aos pedreiros e retilhadores.

As colheitas de milho são muito inferiores às do ano passado. Tem-se notado por vezes que senhores carreiros, carregam brutalemente os animais e, depois, partem as varas nos pobres animais, maltratando quem não fala. Não há aqui a sociedade protectora de animais? Era muito bom.

— Partiu para junto do seu marido Maria de Castro, filha do nosso amigo George de Castro, marchante em S. Gregório.

Desejamos-lhe boa viagem.

A comissão encarregada da festividade de S.º António inicia a festa começando a pedir por alguns lugares. Quem tenha alguns animais oferecidos ao glorioso S.º António devem-nos entregar na casa do juiz encarregado de fazer esta festa.

Se tem alguma coisa a dar ao glorioso S.º António é entregar na casa de António Marques, Regueiro, Cristóval. — C.

### Alvaredo, 26

No passado dia 22, faleceu na sua residência, no lugar do Padreiro, o Senhor Luiz Besteiro, de 72 anos de idade, Guarda Fiscal aposentado.

O funeral realizado no dia seguinte foi bastante concorrido.

A família enlutada, principalmente a seu filho António Besteiro, Guarda Fiscal em Monção e seus genros, Benigno Mendes e Benjamin Bieites, Guardas Fiscais em S. Gregório e Castro Laboreiro, sentidos pésames.

Também no dia 23, faleceu no lugar de Ferreiros a Sra. Benta Braz de Araújo, de 76 anos de idade. Devido à sua bondade gosava a estima de toda a gente: o seu funeral realizado no dia seguinte foi muitíssimo concorrido, pois nele se incorporaram algumas centenas de pessoas nem só desta freguesia como dos limitrofes.

A família enlutada sentidos pésames. — C.

— Aos interessados, lembramos que em Dezembro podem semear: — alfaces de inverno, cebolas, couves diversas (excluindo couve-flor e brócolos), ervilhas, favas, rabanetes, nabijas e salsa. Também podem semear: — a. c. a. c. a., cen. e. o., cevada, trigo, giestas, penico e tojos.

— Continuam as podas, desinfecções e plantações de árvores de toda a espécie. Onde não forem de recat as geadas, já se podem plantar alhos, tendo o cuidado de só aproveitar os dentes exteriores, porque depois sempre dão cabeças maiores.

*Se o Inverno não faz o seu dever*

*No mês de Dezembro e Janeiro,*

*Mais tarde se faria ver...*

*Ai por dois de Fevereiro.*

## Rouças, 26

No passado dia onze realizou-se o casamento de Teimo Sérgio Cândido Lourenço com Margarida Augusta Barreiro, de Eiró, ela, de Paço. Felicidade.

— Foi baptisado um menino, filho de António Domingues e de Maria José Esteves, da Vinha de Cima, no dia 25 do corrente. Parabéns.

— Veio da vila de Ourique, para onde se ausentara em serviço de pregação, o nosso rev. pároco.

— Continua mal de saúde o nosso amigo, sr. Lino Gomes, guarda reformado, de Corçaes. Desejamos-lhe prontas melhoras.

— Casou em Belas, Sintra o sr. Manuel Domingues, filho de Jaime Domingues, da Eira.

## SOCIEDADE

*Aniversários* — Fazem anos: Amanhã o sr. Indalécio Rodrigues; no dia 5 os srs. Artur Cândido Pinto e Manuel Lourenço; no dia 7 a sra. D. Maria da Conceição de Araújo e Brito; no dia 8 a sra. D. Carolina Augusta Soares Ramos; no dia 13 o sr. José do Nascimento Pinto e no dia 15 os srs. Joaquim Afonso de Brito e Luiz Fernandes.

*Baptizados* — Com os nomes, respectivamente, de Maria Fernanda e Maria Ofélia, foram baptizadas na Matriz desta Vila, em 21 do mês findo, duas meninas, filhinhas do sr. João da Costa Lucena, benquisto ourives desta Vila, e de sua esposa, sra. D. Maria Pereira da Rocha Lucena.

Paraninfaram as meófitas o sr. Raúl Pereira da Rocha e sua esposa, sra. D. Maria da Purificação Vilariño Pereira da Rocha.

*Casamentos* — Estão para muito breve os casamentos de António Vilas, de Ceivães, com Maria Teresa Alves de Melo, desta Vila; João Manuel da Costa Velho com Flávia Augusta de Freitas; José António de Oliveira com Marieta de Jesus Fernandes e José Bermudes com Maria dos Anjos Colmeiro, todos desta Vila.

*Tenente Vicente* — Acaba de ser aposentado o nosso estimado amigo sr. tenente António Vicente, que com notável critério e proficiência vinha comandando a Secção da G. F. deste concelho. Nossos cumprimentos.

### José Joaquim Lopes

(Falecido em 18-11-95)

#### AGRADECIMENTO

A família, por este único meio, vem patêntear a sua indelével gratidão a todas as pessoas que se dignaram assistir ao funeral do saudoso extinto e que, por qualquer forma, manifestaram o seu pesar.

## Efemérides

Em 1 de Dezembro de 1621, o Arcebispo Primaz, D. Afonso Furtado de Mendonça, visitou oficialmente a Santa Casa da Misericórdia de Melgaço. Era então seu Provedor Alvaro Afonso Claro, dos Claros do Rio do Porto.

Em 2 de Dezembro de 1828, em Moação, o dr. António José da Costa e Lira, juiz-condiário do provedor da comarca de Viana do Castelo, Caetano Inácio de Souza Barbosa, cehferiu as contas da Confraria de N. Senhora do Rosário da Vila de Melgaço, relativas ao biénio 1825-27. Açou de líquido 15.737 reis e cobrou pelo seu «trabalho» 315 reis. Já naquele tempo...

Em 3 de Dezembro de 1896, com o drama em dois actos «Dejo de Deus» e a comédia «Taborda no Pomal», foi inaugurado nesta Vila o teatrinho «Augusto Gil». A orquestra que abrilhantou este espectáculo foi regida pelo prof. Diogo Manuel de Sousa Araújo, de Mião, Paderne.

Em 4 de Dezembro de 1910, chegou a Melgaço Júlio de Lemos, secretário da Câmara Municipal de Paredes de Coura, o qual fora incumbido pelo governador civil de Viana do Castelo para sindicar os actos administrativos da Câmara deste concelho, anterior a 5 de Outubro do referido ano. Diga-se desde já que encontrou muita coisa fora dos eixos. Talvez ainda um dia com a como isso foi. Se o fizer, é só para fazer rebentar a castanha na boca a um «engraçadinho» que há cerca de dezoito mezes, em artigo anónimo para este jornal, procurava achincalhá-lo. Não o conseguiu, porém, porque «A Voz de Melgaço» não é couro de cobardas. Para ser-se recebido nesta casa é preciso dizer-se quem se é, donde se vem e o que se pretende.

Espera, pois, o autor envergonhado, que não perde pela demora...

Em 7 de Dezembro de 1590, o rev. Jerónimo Esteves foi apresentado Vigário de Parada do Monte. Esta apresentação foi feita pelo reitor de S. Pedro de Riba de Mouro.

Em 8 de Dezembro de 1901, à porta da Câmara Municipal, se procedeu à arrematação para a empreitada da pavimentação das ruas da Calçada e Nova de Melo. Foi adjudicada a um indivíduo dos Arcos de Valdevez, cujo nome agora me não ocorre.

Em 10 de Dezembro de 1945, no Largo Hermenegildo Solheiro, junto à Igreja Matriz, abriu ao público o estabelecimento comercial de Horácio César de Oliveira, o «Careca».

Este prédio foi construído aí por 1890 e nele esteve instalada por mais de 30 anos a «Loja Nova do Cantinho» de Feliciano Cândido de Azevedo Barroso, proprietário do mesmo; e, depois, a alfaiataria de Alfredo Gonçalves Pereira.

Em 10 de Dezembro de 1849, se concluiu o dormitório do convento franciscano das Carvalhiças.

E em 15 de Dezembro de 1756, faleceu o Abade da Vila, rev. Manuel da Ribeira, o qual deixou à Confraria do Espírito Santo «3.200 reis P.a q. delles Fizessem os 3 off.os dentro de hum' meez».

Mário

N. do A. — No último número, na efeméride referente ao rev. Luiz Manuel Marques, por lapso, saiu a data de 25 de Novembro em vez de 26 do mesmo mês. Desculpem.

M,

## Paderne, 25 PRADO, 25

**Casamentos** — No passado dia 7, realizou-se o enlace matrimonial do nosso amigo José Gonçalves, do lugar dos Moinhos, com a menina Glória Gomes, do lugar de Varzea. Aos noivos que são dotados de belas qualidades, desejamos felicidades.

**Falecimentos** — No passado dia 14, faleceu no lugar de Golães, com a bonita idade de 80 anos, o sr. Manuel de Amorim, construtor civil.

A família enlutada os nossos sentidos pésames. — Também no pretérito dia 18 faleceu na sua residência no lugar d'Além, o nosso bondoso amigo sr. José Joaquim Lopes.

O extinto era esposo amantíssimo da Senhora D. Filomena Rodrigues Lopes, pai amantíssimo das Senhoras D. n. s. Maria, Teósa, Esmeralda, Alice, Augusta e Leonor Lopes e dos Senhores Tenente Fernando José Lopes, Armando e Norberto Lopes, cabos da Guarda Fiscal e Luiz Lopes, Chefe da Policia de Viana e Tránsito em Evora. Era também sogro querido dos nossos particulares amigos, Celestino Augusto Ribeiro e Pompeu Baptista Fernandes Pereira, cabos da Guarda Fiscal.

O funeral foi muitíssimo concorrido, e a urna até ao jazigo de família transportada por graduados e praças da Guarda Fiscal.

A família, enlutada envia «A Voz de Melgaço» sentidas condolências. — C.

## PARADA DO MONTE, 23

Temos estado debaixo dum inverno crucial, Vento, chuva e frio. Não se tem podido fazer nada,

Estamos quase no fim de Novembro, e ainda há muitos milhos nos campos, devido ao grande inverno. Estivemos debaixo de chuva e vento durante quinze dias e quinze noites, mas, apesar de serem muito violentos, não se registaram prejuizos; apenas tombaram alguns medeiros de milho.

— Realiza-se brevemente o casamento do Sr. Manuel de Barros com a s.ra Maria Afonso, ambos do lugar da Frigueira desta freguesia.

**Nascimento** — Deu à luz uma criança do sexo masculino, a s.ra Maria Afonso, esposa do Sr. Manuel Esteves do lugar do Casal. — C.

## O «meu» olival do Monte de Prado

### Outras notícias

Teve bom acoiamento, dez metros; distância que valendo me até algumas não é precisa, mas que felicitações — caso inédito na minha vida — a «entra da» à correspondência desta freguesia para o último número do nosso jornal. Não sei eu agora se me fiz compreender de todos os meus estimados leitores, se não fiz... tenham paciência, muita paciência, porque não sei explicar melhor.

Quando ao capital necessário para se realizar esta obra, embora avultado, também não é quantia astronómica; mas isso é uma outra questão que tratarei nos próximos números, se Deus me der vida e saúde, os desgostos não contam.

— Também no dia 17 faleceu no lugar de Além, freguesia de Paderne, o sr. José Joaquim Lopes, de 83 anos, cabo aposentado da G. F.

O saudoso extinto era pai do sr. tenente Fernando José Lopes, a quem, bem como à demais família enlutada envio sentidos pésames.

— Com boa concorrência os fiéis, vem-se realizando na Igreja desta freguesia o exercício do Mês das Almas. — C.

## De Melgaço a Fátima

(Continuação da 1.ª pag.)

4 mil, pois na Coroação eram muito menos e disseram que estavam três mil. O número de sacerdotes era proporcional ao de fiéis. Toda aquela imensa multidão foi calculada em um milhão e creio bem que não há exagero; basta conhecer a vastidão da Cova da Iria e saber que estava repleta.

Convido os leitores, se os tiver, desta humilde crónica de viagem, a consultar a «Voz da Fátima» de 13 de Novembro; bem como a «Flama» ou o «Século Ilustrado», não fazendo já na outra imprensa.

Toda esta massa humana, comparável ao mar, não era um montão desordenado, não! Havia o máximo respeito; a maior ordem que se poderia exigir e mesmo imaginar. Todos cantavam e rezavam em uníssono: era um verdadeiro encanto.

Como era sublime todo aquele esplendor do culto! A Missa do Rito Oriental! O magnífico Pontifical! O toque de clarins e a guarda de honra! etc. etc. Os sinos acompanhando sempre o canto! As Confissões dos homens a todas as horas e em todo o canto; mesmo entre os carros, sentados os confessores nos guarda-lamas. Comunhões toda a noite e todo o dia. Dezenas e dezenas de Padres saindo da Basílica com o SS.mo para dar a Comunhão.

Como é grande Maria Santíssima que tudo isto causou! Dizem que nunca em parte alguma do Mundo se juntou uma multidão tamanha e tão ordenada.

Por hoje basta. Para outra vez continuarei se tiver vagar.

P.º Justino Domingues

## De terras desconhecidas, S.<sup>ta</sup> Rita, 21

(Continuação da 1.ª pág.)

Ah! quem me dera que o Alentejo fosse o Minho e o Algarve o Alto-Minho. Os dias ser-me-iam menos longos e as noites mais extensas, a paisagem mais agradável, o mar mais sossegado...

Mas não! Embora a terra das amendoeiras me tenha surpreendido, às vezes, a região predilecta ficou-se tam longe, tam distante... E com ela os seus diamantes mais brilhantes que os da Ganges e da mais sublime adjectivação. No Alto-Minho há cumiadas e serras, picos e cabeços, encostas íngremes ou disfarçadas, donde brota a mais pura água que o Gigante e as sereias viram e onde se aglomeram rochas e penedias queimadas pelas fâscas do trovão; planaltos e vales onde pastam, chocalhando, magotes de gado...

Campos e herdades, leiras e varzeas circunadadas por batatas, pomares, soutos, pinhais e jardins; casas e ermidas de paredes alvaçadas a brilhar ao Sol como as velas dos barcos sobre as salças águas dos anilados mares. Sob o dossel super-natural, mas a si límpido e azul do que em outra parte há um segundo dossel artificial-natural formado pela frondosa ramagem do arvoredor; e a sacudir essa rociada folhagem corre uma brisa fresca

e irrequieta. Tantas estradas, torcicolando, rios e regatos, murmurando, por entre salgueiros e canaviais... fontes a brotar das fendas da cantaria!... E mil e uma coisa!...

Onde ficaram aquelas moçoilas do Alto-Minho, trajando garridamente?...

Que será feito daquelas castelos e muralhas arquiseculares?

O movimento e a vida daquelas (porque me encontro longe...) rústicas aldeias e ridentes vilas ainda será o mesmo?...

E em sonhos pergunto a mim mesmo: — Ainda namora, baixinho, com a Galiza?

Rio Minho! Rio Minho! Águas da lampreia e do salmão! Que lhes segredas?... Que ouves? Como gostam dos teus beijos e abraços!!

De tal sorte não custa viver!...

Se até agora gostava do Minho — quantas razões... — daqui para o futuro consagrar-lhe-ei o mais lídimo respeito que será apenas um simples átomo daquela veneração merecida...

Deixei o Minho — repto — por alguns meses para deambular pelo Al-

Retirou para o Brasil o nosso amigo e benefactor da nossa igreja que do Pará, aqui veio passar uns meses com os seus. Deixou-nos 1.000\$00 como dissemos para as obras e prometeu-nos enviar nos mais...

— Da Senhora Belarmina Baptista, das Cavencas, S. Paio, receberam-se 50\$00 para as obras. Que os amigos agora nos não faltem.

### Pote de alambique

Em estado de novo, compra

### «A LOJA DOS PEREIRAS»

garve, pela região das amendoeiras em flor, pela região tão cheia de encantos... mas é para quem é... Não para mim...

Admiro o Algarve, mas não gosto dele porque não me dá felicidade...

José Barreiros

## A união...

(Continuação da 1.ª pág.)

tu-guesa tam ansiosamente apregoam, procurando o melhor meio de, com dignidade, todos viverem na casa Lusitana em torno da autoridade legítima, a mesma para todos, sem ultraje, pela escolha da autoridade, às fronteiras oito vezes seculares da Pátria e sem perigo de cisão dentro da família nacional.

Os que iniciaram o movimento de 28 de Maio haviam tomado o compromisso de batalharem pela paz e concórdia na família portuguesa e pelo saneamento das finanças.

De novo, os responsáveis da política, falam da união de todos. E' acertada e oportuna a recomendação.

Mas também não pode a própria U. N. descurar o esforço de tornar nobre e alviantada esta política de paz e união, prestigiando os homens dignos, evitando confrontos com pessoas talvez na aparência mais combativas, mas na realidade política menos construtivas tom o exemplo ou a palavra.

E' preciso, para se encontrar esta união, que se promova dentro da própria organização crítica desapaixada e que às críticas, feitas pelos de fora, se lhes presle a atenção que os assuntos merecem, sem temor à pessoa que as faz ou à causa que 'possa representar.

A obrigatoriedade para tudo, a intransigência com os que não são do nosso credo, e a 'pseudo impecabilidade de quem informa, seja em que organização for, é sempre nocivo aos verdadeiros interesses públicos.

E' dentro deste espirito e de harmonia com o pensamento que nos informa e o rumo que os dirigentes imprimiram à política nestes dias e, porque decorrem as sessões do III Congresso da União Nacional, que escrevemos este ligeiro comentário sem o endereçar a quem quer que seja, se não à consciência dos meus leitores.

JULIO VAZ

(Da secção diária «Ao fechar da página do «Diário do Minho» em 24-XI-951)

## LODUVINA MARTINS

DENTISTA

PELA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
DÁ CONSULTAS EM MELGAÇO, NA CASA RAMIRO, ÀS SEXTAS E SÁBADOS.

Dezembro, 1 . FOLHETIM DE «A VOZ DE MELGAÇO» N.º 1

## O MENDIGO

Chamavam-lhe o Sr. Manuel e tinha vindo parar ali, não sei de que terra distante. Era um velho de longas barbas encaecidas, vergado ao peso dos muitos anos. Trazia, ordinariamente, sobre os ombros uma antiga capa alentejana que o tornava solene e misterioso, como um profeta.

Este homem recorda-me o período da minha infância, aquele que mais fundas impressões grava na alma de cada um.

E' o tempo das alegres brincadeiras, dos jogos divertidos, das pequenas questões, sem valor. Nesse período da vida, a mente da criança é tábuza rasa, onde se inscrevem os primeiros acontecimentos e é, de veras, curioso, observar como alguns teimam, porfiavam em sobrepôr-se a todos os outros. Na minha lembrança, há um mundo de recordações dessa vida despreocupada. Eu poderia, se quisesse, reconstituir muitas cenas passadas, como se fossem de hoje. Recordo-me, por exemplo, de que os mendigos, os pobres, como o povo da aldeia os conhecia, percorriam, diariamente, a minha freguesia, implorando a esmola e lembro-me, até, de alguns tipos originaes. Havia os solitários, aqueles que peregrinavam, de porta em porta, sem uma companhia, e havia os que, regularmente, como se obedecessem a uma lei universal, chegavam em determinados períodos do ano, com a mulher, os filhos e a bagagem miserável e assentavam arraiais.

A terra para uns e outros era amiga. Recebia-os

generosamente. De minha casa, nunca saiu algum, sem levar a sua migalha. Geralmente, praticava-se a caridade para com estes infelizes, oferecendo um naco de pão ou uma espiga de milho. Dinheiro não se dava, porque era sempre o que menos abundava e eles eram muitos. Minha mãe era quase sempre a distribuidora da pequena esmola, mas, algumas vezes, a substitui, com alegria, na caridosa missão e devo confessar, não por vaidade, que, na qualidade de delegado, escolhia sempre o pedaço de pão maior e a melhor espiga.

Dos que se fixavam, na aldeia, por tempo indeterminado, conservo saborosas recordações. Eles vinham, não sei donde, transportando às costas e na cabeça tudo o que possuíam. A caridade destinara-lhes, para abrigo, uma velha casa que os donos converteram em palheiro, mas que, nestas ocasiões, tinha sempre lugar para mais um. Às vezes, era verdadeira multidão de tipos desconhecidos e diferentes, alguns com o officio humilde de consertar painéis ou guardasóis, que discutia, ralhava, se travava de razões, não raro acabando em zangata. Nessa altura, era o dono da casa, o Sr. Miranda, que na qualidade de antigo regedor da freguesia, vinha meter na ordem os bulhentos. Mas, exceptuando estas irregularidades, tudo corria bem. O povo familiarizava-se com eles a ponto de sentir-lhes a falta, quando se rétravam.

Com o decorrer dos anos, tudo mudou. Os mendigos continuam a vir, mas em pequeno número. Os donos do palheiro, a Sr. Rosa e o Sr. Miranda, faleceram e até o próprio albergue desapareceu, devorado por um incêndio. No lugar dele, ergue-se, agora, uma casa melhor.

(CONTINUA)